



De adjetivo a sujeito de a  o: primeiros usos de “empreendedor” em periódicos brasileiros

Fernando Antonio Prado Gimenez

Universidade Federal do Paraná, Brasil

fapgimenez@gmail.com

RESUMO

Os estudos em empreendedorismo no Brasil não são muito antigos. O objetivo deste foi analisar a publicação de artigos sobre empreendedorismo em periódicos científicos nacionais, buscando os textos pioneiros no campo. Ao mesmo tempo, procurou-se descrever os usos que se fez do termo “empreendedor” nos artigos localizados e sintetizar o conteúdo desses artigos em dimensões relevantes para o entendimento do agir empreendedor que foram utilizadas nos artigos. O método envolveu busca de artigos publicados entre 1900 e 1969 disponíveis no Google Acadêmico, leitura e análise de seu conteúdo. Os resultados identificaram 108 artigos, duas formas de uso do termo “empreendedor”, sete artigos pioneiros do campo e oito categorias de a  o empreendedora.

Palavras-chave: empreendedor, bibliografia, a  o empreendedora, artigos brasileiros.

From adjective to acting subject: first uses of “entrepreneur” in Brazilian journals

Abstract

Entrepreneurship studies in Brazil are not old. The objective of this study was to analyze the publication of articles on entrepreneurship in national scientific journals, looking for pioneer texts in the field. At the same time, an attempt was made to describe the uses made of the term “entrepreneur” in the articles found and to synthesize the content of these articles in relevant dimensions to the understanding of entrepreneurial action that were used in the first Brazilian articles in the field. The method involved searching for articles published between 1900 and 1969 available on Google Scholar, reading, and analyzing their content. The results identified 108 articles, two ways of using the term “entrepreneur”, seven pioneer articles in the field and eight categories of entrepreneurial action.

Keywords: entrepreneur, bibliography, entrepreneurial action, Brazilian articles.

INTRODUÇÃO

Os estudos e publicações sobre empreendedorismo no Brasil não datam de muito tempo. Em Gimenez (2017), tive a oportunidade de apresentar um levantamento que fiz sobre os artigos publicados em periódicos brasileiros cujo tema foi o empreendedorismo. Neste livro, naquele

momento, identifiquei três artigos de Bresser Pereira (1962, 1963, 1964) como os pioneiros do campo. Além disso evidenciei que, embora tenha havido artigos publicados nos anos 80 e 90 do século passado, foi a partir do ano 2000 que a publicação de artigos em periódicos brasileiros sobre o tema se tornou cada vez mais numerosa.

Em recente levantamento que fiz, descobri que a primeira tese de doutorado sobre empreendedorismo no Brasil surgiu nos anos 80. De autoria de Silvio Aparecido dos Santos, foi defendida na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (SANTOS, 1983). A dissertação de mestrado mais antiga que encontrei foi defendida dez anos depois (SANT’ANNA, 1993).

Neste artigo, revisito a questão da publicação de artigos sobre empreendedorismo em periódicos científicos nacionais. Minha intenção inicial foi verificar se, decorridos três anos da publicação de Gimenez (2017), eu poderia encontrar artigos mais antigos sobre empreendedorismo anteriores aos de Bresser Pereira. Ao longo dos anos, tem aumentado a disponibilidade de periódicos mais antigos na internet. Dessa forma, poderiam ter surgido textos anteriores a 1962 que não estavam disponíveis na internet em 2017. Ao mesmo tempo, o objetivo foi descrever os usos que se fez do termo “empreendedor” nos artigos localizados e sintetizar o conteúdo desses artigos em dimensões relevantes para o entendimento do agir empreendedor.

O artigo está estruturado em quatro seções adicionais a esta introdução. Na próxima, detalho brevemente os procedimentos de levantamento e análise do conjunto de textos identificados. Em seguida, há uma seção com apresentação dos resultados da análise. Na próxima seção, identifico e descrevo sete artigos que julgo fundadores do empreendedorismo em periódicos brasileiros. Por fim, na última seção, concluo apresentando oito categorias de ações empreendedoras que sintetizam os textos analisados.

UM POUCO SOBRE O MÉTODO

Inicialmente, realizei buscas no Google Acadêmico, usando “empreendedor” como único termo de busca, restringindo o período para 1900 a 1969. As buscas foram realizadas na última semana do mês de setembro de 2020. Este procedimento revelou 125 documentos em formato pdf cujo download era permitido. Em alguns casos, tive que adquirir o direito de acesso, mas foram poucos, pois a maioria dos periódicos, hoje em dia, estão com acesso livre a seu conteúdo.

Em uma primeira inspeção, identifiquei algumas duplicidades de documentos, bem como outros documentos que não eram artigos publicados em periódicos, tais como, capítulos de livros, relatórios, documentos jurídicos, resenhas, entre outros. Ao final, sobraram 108 artigos que foram classificados por periódico e ano de publicação.

A partir da leitura de cada um destes artigos, pude inicialmente identificar que o uso do termo “empreendedor” era feito de duas formas distintas. Ora era utilizado como um adjetivo qualificador, principalmente, de pessoas. Ora sua utilização se dava na forma de substantivo, que em alguns textos vinha acompanhado de ações, ou seja, caracterizando um sujeito de ação.

Dessa forma, a primeira divisão que fiz foi separar os artigos em dois grupos: um com os textos cujo uso do termo foi na forma de adjetivo; e outro com uso na forma de substantivo.

O segundo tratamento foi analisar o conteúdo do uso do termo, para identificar dimensões relevantes para a descrição dos textos. No caso do uso da forma em substantivo, a análise de conteúdo revelou o que denominei ações empreendedoras. Por fim, a leitura e análise permitiu a identificação de um conjunto pequeno de artigos que trataram do empreendedor como tema central. Para a grande maioria dos artigos analisados o uso do termo “empreendedor” foi periférico ao foco de estudo.

Na próxima seção, apresento os resultados da análise feita, começando com alguns dados descritivos sobre os periódicos e períodos de publicação. Em seguida, apresento exemplos de uso como adjetivo, seguido pelos usos como substantivo. Depois, comento sobre os artigos que trataram de forma mais detalhada a figura do empreendedor.

EMPREENDEDOR: ADJETIVO E SUBSTANTIVO

O uso do termo empreendedor foi localizado em 108 artigos publicados em 23 periódicos distintos, em um conjunto diverso de campos do conhecimento: Psicologia; Medicina; Geografia; Administração Pública e de Empresas; Educação; História; Economia; Ciência Política; Direito; Antropologia; e Letras. Cinco dos campos - História, Economia, Direito, Administração Pública e de Empresas e Ciência Política - responderam por 87,0% dessas publicações, conforme pode ser visto na tabela 1.

Tabela 1 – Número de artigos por campo do conhecimento – 1942/1969

Campo do conhecimento	Artigos	%
História	24	22,2
Economia	24	22,2
Direito	16	14,8
Administração Pública e de Empresas	16	14,8
Ciência Política	14	13,0
Geografia	4	3,7
Letras	3	2,8
Psicologia	2	1,9
Medicina	2	1,9
Educação	2	1,9
Antropologia	1	0,9
Total	108	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor

Foram encontrados textos publicados entre 1942 e 1969, em função do critério de busca ter considerado o período 1900 a 1969. Dessa forma, até o momento, as menções mais antigas a empreendedor em periódicos brasileiros são da década de 40, sendo dois artigos na Revista da Faculdade de Direito da USP, e um em cada um dos seguintes periódicos: Revista Brasileira de Economia, A Defesa Nacional, Revista de Direito Administrativo e Revista de História. A tabela 2

apresenta o número de artigos por periódico, bem como o período pelo qual estes textos se distribuíram.

Tabela 2 - Periódicos, número de artigos e período – 1942/1969

Periódico	Período	Artigos
Revista Brasileira de Economia	1942-1967	24
Revista de História	1950-1968	23
Revista Brasileira de Estudos Políticos	1960-1967	9
Revista de Administração de Empresas	1962-1969	8
A Defesa Nacional	1944-1965	5
Revista da Faculdade de Direito, UFMG	1951-1959	5
Revista do Serviço Público	1955-1958	5
Revista da Faculdade de Direito, USP	1942-1959	4
Cadernos de Administração Pública	1954-1955	3
Revista de Direito Administrativo	1949-1961	3
Revista Letras	1960-1966	3
Anais Brasileiros de Psicotécnica	1965-1968	2
Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre	1954-1955	2
Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul	1956-1959	2
Curriculum	1963-1967	2
Geografia Urbana	1960	1
Memórias do Instituto Oswaldo Cruz	1956	1
Revista Brasileira de Geografia	1959	1
Revista da Faculdade de Direito, UFC	1958	1
Revista da Faculdade de Direito, UFPR	1958	1
Revista de Antropologia	1963	1
Revista de Direito Público e Ciência Política	1961	1
Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos	1967	1

Fonte: Elaborada pelo autor

A Revista Brasileira de Economia foi o periódico em que o termo se revelou em uso pelo período mais longo (1942-1967), bem como representou o maior número de artigos (24). Por outro lado, em segundo lugar na quantidade de artigos, está a Revista de Direito com 23 textos publicados entre 1950 e 1968.

Tanto a Revista Brasileira de Estudos Políticos, com nove artigos e a Revista de Administração de Empresas com oito, são os periódicos seguintes com maior número de textos publicados. No entanto, o uso do termo empreendedor nesses dois periódicos se deu apenas no início dos anos 60 do século passado. Em 1960 foi publicado o primeiro artigo localizado na Revista Brasileira de Estudos Políticos, enquanto na Revista de Administração de Empresas foi em 1962. O quadro 1 apresenta a distribuição dos artigos encontrados em cada categoria do uso do termo (adjetivo ou sujeito).

Quadro 1 - Uso do termo “empreendedor” como adjetivo ou substantivo (1942-1969)

ADJETIVO		SUBSTANTIVO	
Referência	Periódico	Referência	Periódico
Bevilaqua (1942)	RFDUSP	Garcia (1942)	RFDUSP
Souza (1944)	ADN	Gudin (1942)	RBE
Austregésilo (1950)	RDH	Santos (1949)	RDA
Burns (1953)	RBE	Leite Júnior e Santos (1951)	RBE
Pinkuss (1953)	RDH	Nurkse (1951)	RBE
Brozen (1954b)	RBE	Summers (1951)	RFDUFMG
Dutra (1954)	ADN	Bernstein (1952)	RBE
Houssay (1954)	AFMPG	Bulhões (1952)	RBE
Nogueira (1954)	RDH	Garcia (1952)	RDH
Americano (1955)	RFDUSP	Silva (1952)	RBE
Matos (1955)	RDH	Souza (1952)	RFDUFMG
Meyer (1955)	AFMPG	Barrère (1953)	RBE
Silveira e Huguenin (1955)	RSP	Gauld (1953)	RDH
Busato (1956)	BGRGS	Nurkse (1953)	RBE
Dias (1956)	MIOC	Boulding (1954a)	RBE
Besselaar (1957)	RDH	Boulding (1954b)	RBE
Reis (1957)	RDH	Brozen (1954a)	RBE
Schorer (1957)	RDH	Labaudère (1954)	RDA
Almeida (1958)	RDH	Silva (1954)	CAP
Coimbra (1958)	RDH	Singer (1954)	CAP
Corrêa Filho (1959)	RBG	Almeida (1955)	RFDUFMG
Pacheco (1959)	BGRGS	Brozen (1955)	RBE
Reale (1959)	RFDUSP	McMurray (1955)	CAP
Taunay (1959)	ADN	Bulhões (1956)	RBE
Azevedo (1960)	RL	Kafka (1956)	ADN
Martins (1960)	RBEP	Magalhães (1956)	RSP
Mehlmann (1960)	RDH	Bulhões (1957)	RBE
Nunes (1960)	RL	Hayek (1957)	RBE
Tírico (1960)	GU	Kandor (1957a)	RBE
Almeida (1961)	RDH	Kandor (1957b)	RBE
Campos (1961)	RDH	Andrade (1958)	RFDUFPR
Fonseca (1961)	RDPCP	Barroso (1958)	RFDUFC
Lopes (1961)	RDH	Bulhões (1958)	RBE
Lima (1962)	RSP	Santos e Pessanha (1958)	RSP
Sposatti (1962)	RDH	Donato (1959)	RFDUFMG
Warlich (1962)	RSP	Luz (1959)	RDH
Muniz (1963)	CUR	Souza (1959)	RFDUFMG
Montenegro (1964)	RBEP	Tinbergen (1959)	RBE
Sampaio (1964)	ERA	Cardoso (1960)	RDH
Araújo et al (1966)	RBEP	Cardoso (1961)	RBEP
Abreu (1965)	RDH	Ianni (1961a)	RBEP
Freitas Júnior (1965)	ABP	Ianni (1961b)	RBEP
Rebelo (1965)	ADN	Meschini (1961)	RDA
Reis (1965)	RBEP	Bresser Pereira (1962)	RAE
Arns (1966)	RL	Chacel (1962)	RBE
Alves (1967)	RDH	Magalhães (1962)	RSP
Mattos (1967)	CUR	Bresser Pereira (1963)	RAE
Pinkuss (1967)	RDH	Moreira (1963)	RA
Soares (1967)	RBEP	Sampaio (1964)	RAE
Falcão (1968)	RDH	Bresser Pereira (1964)	RAE

Quadro 1 - Uso do termo “empreendedor” como adjetivo ou substantivo (1942-1969) – continuação

ADJETIVO		SUBSTANTIVO	
Referência	Periódico	Referência	Periódico
Novaes (1968)	ABP	Stein (1964)	RDH
		Cesarino Júnior (1965)	RAE
		Lima Filho e Bertero, 1966	ERA
		Alvim, 1967	RIPE
		Hirschman (1967)	RBE
		Ianni (1967)	RBEP
		Lodi (1968)	RAE
		Suplicy (1969)	RAE

Legenda: ABP - Anais Brasileiros de Psicotécnica; ADN - A Defesa Nacional; AFMPG - Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre; BGRGS - Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul; CAP - Cadernos de Administração Pública; CUR - Curriculum; GU - Geografia Urbana; MIOC - Memórias do Instituto Oswaldo Cruz; RA - Revista de Antropologia; RBE - Revista Brasileira de Economia; RBEP - Revista Brasileira de Estudos Políticos; RBG - Revista Brasileira de Geografia; RDA - Revista de Direito Administrativo; RDH - Revista de História; RDPCP - Revista de Direito Público e Ciência Política; RFDUFC - Revista da Faculdade Direito UFC; RFDUFMG - Revista da Faculdade Direito UFMG; RFDUFPR - Revista da Faculdade Direito UFPR; RFDUSP - Revista da Faculdade Direito USP; RIPE - Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos; RL - Revista Letras; RSP - Revista do Serviço Público.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em termos de categoria de uso, a forma adjetivo foi um pouco menos frequente do que em substantivo. Em apenas um artigo, publicado na Revista de Administração de Empresas, houve o uso do termo como adjetivo e substantivo (SAMPAIO, 1964). Assim, o uso de empreendedor enquanto adjetivo apareceu em 51 artigos e enquanto sujeito surgiu em 59. Nas duas próximas seções, ilustro, com alguns exemplos, o uso do termo como adjetivo ou substantivo.

Empreendedor enquanto qualidade (adjetivo)

Encontrei diversas formas de utilizar o termo “empreendedor” enquanto adjetivo. Este foi usado para indicar as qualidades: de um povo (SOUZA, 1944; WARLICH, 1957; PACHECO, 1959), de pessoas (DUTRA, 1954; BUSATO, 1956; DIAS, 1956; CORRÊA FILHO, 1959; LOPES, 1961; TAUNAY, 1959) e de equipes de trabalho (LIMA, 1962). Na Revista de Direito, a maioria dos usos foi neste formato, principalmente para se referir a personagens da história brasileira ou de outros povos.

Os primeiros usos que encontrei datam de 1942 e 1944. Bevilacqua (1942) referindo-se a um estudioso do campo do Direito, que se tornara seu amigo, comentou que este “revelava inteligência arguta e empreendedora” (p. 22). Por sua vez, Souza (1944) usou o adjetivo para qualificar o povo dos Estados Unidos em visita que fizera a Washington e Nova York.

Nos anos 50, Dias (1956), ao registrar homenagem ao então Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Dr. Henrique Aragão, mencionou seu espírito empreendedor. Corrêa Filho (1959) comentou sobre o sonho empreendedor de Gago Coutinho, navegador português. Enquanto Busato (1956) adotou o adjetivo empreendedor para comentar sobre a paisagem cultural do povo gaúcho, em especial na comunidade de Novo Treviso.

Já na década de 60, ao realizar estudo comparativo entre Mark Twain e Monteiro Lobato, Nunes (1960, p. 74) assim se referiu ao último: “imaginava-se, cremos, o deslocado promotor de

Areias um americano empreendedor num país latino-americano de cartoon: com muitas palmeiras e longas sextas”. Mais à frente, após relatar inúmeros negócios que tanto Mark Twain quanto Monteiro Lobato iniciaram, cada um em seu país, Nunes (1960, p. 84) afirmou que “no fundo, o que eles buscavam era a emoção de iniciar novos cometimentos”. O que hoje chamamos de empreendedores seriais.

Também em 1960, José Domingos Tírico, ao descrever o processo de formação de Sosas, subúrbio de Campinas, usou o termo como qualificador de dois pioneiros da região quando comentou:

Como tivesse aumentado muito a produção cafeeira e a estrada carroçável aberta não oferecesse condições aceitáveis para o escoamento da produção, ao mesmo tempo que o meio de transporte, geralmente por tropas de burros, tornasse morosa a entrega do produto em Campinas, o espírito empreendedor de dois campineiros - drs. Paulo Machado Florence e Inácio Queiroz Lacerda - fez com que se cogitasse da construção de um caminho de ferro (TÍRICO, 1960, p. 39).

Martins (1960) expôs a situação política do Paraná após as eleições de 1958 e usou o termo “não empreendedor”, entre outros, para descrever o tipo de civilização presente nesta unidade da federação brasileira naquele tempo.

Por fim, encerrando este breve conjunto de exemplos, localizei uma análise crítica do livro de McClelland (1961), que foi apresentada em Reis (1965). Entre todos os trabalhos analisados, este foi o único a referenciar os estudos de McClelland sem, no entanto, usar o termo empreendedor no sentido de sujeito. A única instância do uso foi quando mencionou atitude empreendedora (p. 44).

Empreendedor enquanto sujeito de ação (substantivo)

Entre a década de 40 e meados da década de 50, encontrei, também, muitos usos de empreendedor para indicar um sujeito de ação, ou seja, na forma de substantivo. Todavia, estes usos, até 1952, não se referiam a estudos ou reflexões sobre o empreendedor em si. Na verdade, a grande maioria dos usos localizados foram em sentenças que ilustravam algum aspecto relacionado ao empreendedor e que se derivava do foco principal do artigo. Este uso esporádico em artigos se manteria até o final da década de 60.

No entanto, como apontarei mais à frente neste artigo, somente em 1955 seria publicado o primeiro artigo com a palavra empreendedor no título. Este foi antecedido por dois artigos que trataram de forma mais detalhada o empreendedor enquanto sujeito de ação. Um no campo do Direito em 1952 e outro em 1954 no campo da Economia. Depois, mais quatro artigos na década de 60 teriam como foco os empreendedores. Assim, considero sete artigos, até este momento, os pioneiros dos estudos em empreendedorismo no Brasil publicados em periódicos científicos brasileiros. Estes artigos serão tratados na próxima seção.

A primeira menção ao empreendedor, enquanto sujeito de ação, foi encontrada em Gudin (1942). Neste artigo publicado no primeiro volume da Revista Brasileira de Economia, Gudin

mencionou os empreendedores e suas decisões de negócios quando discutiu os efeitos da variação da taxa de juros sobre estas.

Também, Garcia (1942), em breve passagem, comentando as implicações do Código Penal de 1940 no que dizia respeito aos possíveis tipos de unidades carcerárias, registrou várias modalidades de outros países. Entre estas, ressaltou o reformatório de Elmira nos Estados Unidos, cujo diretor considerava “um grande empreendedor” (p. 110). Sete anos depois, o termo foi utilizado em Santos (1949) na Revista de Direito Administrativo, em uma breve passagem, quando discorreu sobre possíveis fórmulas do Direito garantir o uso e gozo da propriedade da terra na capital australiana.

Uma única citação de empreendedor apareceu em Summers (1951) que tratou da responsabilidade dos indivíduos em cargos de governo. Silva (1952) usou o termo em breve nota de rodapé em que mencionou o controle que tem o empreendedor industrial sobre a elasticidade da oferta de produtos manufaturados. Andrade (1958), quando este tratou da questão legal das sociedades coligadas e controladas, fez um único uso do termo. Também uma única citação de empreendedor apareceu em Souza (1959), que comentou sobre o tratamento dado ao capital estrangeiro no Brasil que, aparentemente, era muito melhor do que o dado ao capital do empreendedor nativo.

Silva (1954, p. 37), no contexto da comparação entre a administração pública e privada, mencionou “o caráter intervencionista do estado moderno, restringindo cada vez mais o arbítrio do empreendedor privado”. Em outro texto do mesmo ano (SINGER, 1954, p. 29), foi salientada a importância do apoio governamental ao empreendedorismo, no que o autor chamou de uma administração pública do desenvolvimento, ao afirmar que:

O empreendedor particular e o inovador eram considerados semente do desenvolvimento econômico. Acontece, porém, que, hoje em dia, essa semente já não se desenvolve sozinha, precisa ser cultivada, e o administrador público, em um país subdesenvolvido, tem de desempenhar o papel de jardineiro que ajuda o crescimento da semente do futuro desenvolvimento (p. 29).

McMurray (1955), em artigo que abordou a questão do recrutamento e seleção de executivos de topo para as empresas, utilizou empreendedor e empreendedora para ressaltar que tal pessoa sente “genuína atração por assumir atitudes que importassem riscos” (p. 39) e “possuem iniciativa” (p. 40). Em seu texto, McMurray (1955) salientou, além da atitude face ao risco, outros atributos do empreendedor, tais como força, dinamismo, confiança, e “fascínio de reger sua própria orquestra” (p. 39). Contudo, para ele, estes atributos não eram passíveis de treinamento ou capacitação, ou seja, seriam da natureza de cada indivíduo possuí-los ou não.

A primeira menção encontrada ao empreendedor conforme definido por Schumpeter está em Bulhões (1957). Esta menção é feita em um comentário sobre as ideias de Pareto que, em seu Tratado da Sociologia Geral, apresenta a noção de resíduos diretos. Bulhões (1957) lamenta que Pareto não forneceu instruções sobre como usar o conceito na análise econômica. No entanto ressaltou que

Pareto classifica como resíduo de primeira classe aqueles sentimentos possuídos pelos indivíduos que têm gosto pelas artes e pela ciência. Especulam, quer no campo puramente intelectual, quer na vida dos negócios. São indivíduos pouco apegados às tradições e menos ligados à disciplina. As grandes combinações os empolgam e é esse espírito de combinação que contribui para o desenvolvimento intelectual e econômico (p. 58).

Para Bulhões (1957), estes indivíduos se igualavam ao empreendedor schumpeteriano. Embora não tenha citado explicitamente Schumpeter, Kandor (1957a) associou as causas fundamentais do desenvolvimento econômico ao empreendedor, em linha muito semelhante às proposições schumpeterianas. No mesmo volume da Revista Brasileira de Economia, Kandor (1957b) mencionou o papel submarginal do talento empreendedor em processos inflacionários.

No contexto da avaliação de projetos, Tinbergen (1959) ressaltou que a verificação dos efeitos diretos de um projeto é uma tarefa do empreendedor. Bulhões (1958) relatou a questão da previsão de lucros pelo empreendedor enquanto uma dimensão relevante para o entendimento da imbricação da ação empreendedora privada com o planejamento da economia pelo governo. Por outro lado, Hayek (1957) criticou o planejamento centralizado, ao mesmo tempo em que, afirmou a persistência do empreendedor em agir apesar das restrições do planejamento centralizado, associando-a às condições inflacionárias que encobrem a ineficiência do planejamento. Em texto anterior (BULHÕES, 1956) já havia mencionado a escolha do empreendedor em agir ou não como parte da análise econômica que efetuava, apontando a dificuldade em prever as ações do empreendedor.

Reale (1959) que discorria sobre a transição de uma economia do consumo para uma economia da produção, ressaltou os frutos positivos do empreendedor:

economia de consumo significava apenas economia rotineira, traduzindo-se em privilégios para alguns, e em miséria para a esmagadora maioria. Sob esse ponto de vista, mister é reconhecer que os empreendedores capitalistas, não obstante os abusos iniciais que macularam a entrada da máquina a vapor no mundo dos negócios, dinamizaram a vida econômica, abrindo, em pouco tempo, novas possibilidades de participação vital às massas trabalhadoras, diminuindo a mortalidade infantil, aumentando o índice médio de vida, eliminando progressivamente as carestias e as epidemias devastadoras, com a inegável generalização de melhores "standards" de consumo" (p. 190).

Na discussão sobre a industrialização de São Paulo, Cardoso (1961) comentou sobre a dependência do empreendedor em relação à ação do governo para o crescimento de sua empresa. Nesse sentido, apontou para as “expectativas de que o risco econômico, grandeza e infortúnio das sociedades capitalistas, dê lugar à garantia de lucro” (p. 161) como característica da ação empreendedora industrial emergente em São Paulo, inclusive daqueles ligados a empresas estrangeiras.

Dois artigos de Ianni (1961a, 1961b) ilustraram aspectos da ação empreendedora no capitalismo. No primeiro, abordou a proletarianização do trabalhador agrícola no Brasil. Assim, ele mencionou os principais tipos de trabalhadores, entre os quais, considerou os arrendatários ou foreiros como possíveis empreendedores capitalistas (1961a). Por outro lado, tratou o pequeno

proprietário agrícola, dentro do sistema capitalista de produção como um trabalhador que se apropriava apenas parcialmente dos frutos de seu trabalho, reservando o título de empreendedores capitalistas aos comerciantes que se interpunham entre este e o consumidor final.

No outro texto, Ianni (1961b) examinou fenômenos associados à racionalização ou burocratização de comportamentos na organização, administração e liderança de grupos sociais. Ao fazer isso, ele, em primeiro lugar, apontou a presença ainda de traços de valores patrimoniais guiando as relações entre empreendedores e operários no Brasil daquela época. Em segundo lugar, ao comentar as tensões surgidas pela racionalização do comportamento dos atores econômicos, ele enfatizou a busca de maiores lucros e expansão contínua presentes na racionalidade do empreendedor, em oposição às mudanças nos comportamentos dos operários em busca de “aumentos de salários, menor número de horas de trabalho, condições higiênicas e de segurança, instrução gratuita para seus filhos, aquisição de casa própria, liberdade de sindicalização, direito a greve etc.” (IANNI, 1961b, p. 99).

Por fim, encerrando este conjunto de exemplos do uso de empreendedor como substantivo, cito Moreira (1963) que discorreu sobre métodos para o estudo sociológico das comunidades. Neste artigo, a autora exemplificou um tipo de mudança de relação social entre patrão e empregado comentando sobre as fazendas de café no Oeste Paulista. Assim como Cardoso (1961), neste sentido, ela usou o termo empreendedor para significar a transformação do fazendeiro patrimonial tradicional em proprietário de empresa capitalista, argumentando que:

nessa região o fazendeiro agiu como um empreendedor, alugando a força de trabalho de homens livres, racionalizando a sua empresa e participando ativamente nas operações de financiamento da produção e da comercialização do produto e criando um sistema conveniente de articulação com o mercado internacional. Sua mentalidade evidencia-se bem no fato de haver se desligado de sua propriedade territorial e se ocupado mais em gerir seu capital (p. 34).

Na próxima seção, descrevo de forma um pouco mais detalhada os sete artigos, publicados entre 1952 e 1965, que formam, até onde pude descobrir, os artigos brasileiros pioneiros do campo de empreendedorismo em nossos periódicos científicos.

OS ARTIGOS FUNDADORES DOS ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORES EM PERIÓDICOS BRASILEIROS

No campo do Direito, encontrei o primeiro artigo que tratou de forma mais ampliada o empreendedor enquanto sujeito de ação. Sousa (1952), discutindo as implicações jurídicas gerais do conceito de lucro e, mais especificamente seus efeitos sobre a ação empreendedora, afirmou que “o lucro vai caminhando conceitualmente no sentido de ser reconhecido como uma retribuição ao empreendedor, pelo seu esforço dispendido no sentido de realizar a produção” e se afastando do conceito liberal de mera retribuição ao risco enfrentado. Após discorrer sobre diferentes tratamentos do conceito de lucro na teoria econômica, o autor explicou como a teoria do lucro,

esboçada por Jean Marchal¹ associa o lucro à remuneração do empreendedor, distinta dos empregados e capitalistas, sendo

que esta se prende à atividade desenvolvida de maneira muito diferente daquela que põem em prática os empregados ou os próprios tiradores de renda do capital. Estes, vendem alguma coisa para a empresa e procuram fazê-lo ao mais alto preço possível. O empreendedor, no entanto, identifica-se com a própria empresa e por isto mesmo, vai receber como remuneração, não o que vendeu à empresa de modo puro e simples, porém o que foi traduzido, pela sua própria eficiência, em resultados para a empresa (p. 83).

Dessa forma, Souza (1952) chamou a atenção para alguns aspectos da atuação do empreendedor que, sinteticamente, foram apontados por ele: (i) o empreendedor e a empresa se identificam, sendo uma mesma pessoa; (ii) sua função é negociar ou pagar alguém para negociar sob sua responsabilidade com fornecedores dos fatores da produção, oferecendo os preços mais baixos e com os compradores dos produtos acabados, buscando maiores preços; (iii) tem a missão de buscar que os preços pagos a fornecedores e cobrados de consumidores tenham a maior diferença possível, redundando em lucro; e (iv) para isso faz uso de novos processos, tais como, alianças com concorrentes, exercício de influências sobre legislação e administração pública, às vezes tentando até mesmo burlar leis que atrapalhem sua ação empresarial, e ampliação ou redução de oferta seja por meios produtivos, técnicos ou de manipulação da oferta e demanda. Em síntese, para Souza (1952), o empreendedor exercita um poder econômico que lhe permite obter melhores condições de compra de insumos e de venda de produtos, maximizando o lucro.

Neste sentido, Souza (1952) acaba ilustrando como o empreendedor age com essa finalidade, pois:

inventa novos processos, por exemplo, quando oferece mercadorias originais, quando aumenta a sua propaganda ou desenvolve métodos inteiramente diversos de conquistar o consumidor, quando joga com marca ou ponto de maior valor ou, então, quando recompõe o próprio poder aquisitivo do seu cliente, facilitando o pagamento das compras feitas (p. 86).

Embora reconhecendo a ação do empreendedor como consistente com a lógica do mercado, Souza (1952) encerra seu texto apontando para a necessária ação do legislador e do julgador para regular e punir eventuais excessos desta ação.

Yale Brozen foi o autor do primeiro artigo a usar o termo empreendedor em seu título (BROZEN, 1955). Ele foi professor da Universidade de Chicago e, segundo a *Foundation for Economic Education*, foi um economista reconhecido como defensor do livre mercado, tendo falecido em março de 1980, aos 80 anos. No entanto, encontrei um artigo desse autor publicado na Revista Brasileira de Economia², em 1954, em que ele abordou a importância dos empresários

¹ The construction of a new theory of profit. The American Economics Review, v. XLI, n. 4, 1951.

² Neste artigo aparece o termo empreendedor apenas uma vez e na forma de adjetivo.

inovadores³ para o progresso tecnológico e consequente desenvolvimento econômico (BROZEN, 1954b). Em certo trecho, o autor defende esta conexão, especialmente para países em condições econômicas desfavoráveis, afirmando que “a falta de empresários. dotados de espírito inovador é o fator crucial que impede o progresso de muitas das áreas subdesenvolvidas do mundo (BROZEN, 1954b, p. 104).

Brozen (1954b), ao mesmo tempo que reconhece a contribuição de Schumpeter ao estabelecer o conceito de empreendedor baseado na inovação, salienta que este não dá o relevo necessário à questão do risco nas decisões empreendedoras. Dessa forma sugeriu que os empresários devem ser conceituados como pessoas que: “a) exercem controle definido e consciente sobre a maneira de utilizar os recursos; b) são responsáveis pelas consequências das suas decisões” (p. 106).

A partir desse conceito, Brozen (1954b) indicou dois aspectos centrais na ação dos empresários inovadores: a busca da inovação como maximização de rendimento; e investimentos em invenções promissoras para obter melhorias, eliminação de defeitos, idealização de métodos de produção a custo baixo permitindo o lançamento de produtos no mercado. Na conclusão do artigo, ele fez a seguinte afirmação:

Empresários dotados de gênio criador constituem uma premissa importante para o progresso econômico. A sua ausência tornará incerta a introdução de aperfeiçoamentos tecnológicos, as mudanças técnicas desacertadas continuarão em uso, e embora os recursos adicionais sejam postos em uso, a sua exploração será feita indevidamente (p. 122-123).

Esta afirmação, de certa forma, é um elo que levou às ideias que o mesmo Brozen apresentou no artigo de 1955, em que foi, pioneiramente, usado o termo empreendedor no título. Neste artigo, Brozen (1955) apresentou o que denominou de condicionantes sociais e culturais da capacidade do empreendedor. Para isto, iniciou com a apresentação da tipologia de empreendedores proposta por Clarence Danhof em texto de 1949⁴. Esta tipologia, também descrita em Brozen (1954b), apresenta quatro tipos de empreendedores, que derivam de sua relação com o esforço de inovação tecnológica: inovadores; imitativos; fabianos; e retrógrados. Brozen (1955), novamente, conceituou o empreendedor como o indivíduo que controla as decisões feitas em empresas produtivas e se responsabiliza por seus efeitos. Para ele, os dois primeiros tipos são os que apresentam maiores impactos na economia, e assim diferenciou os quatro:

Em primeiro lugar os inovadores, caracterizados pela maneira agressiva de coletar informações e capacidade para analisar resultados provenientes das novas combinações de fatores; os homens enquadrados neste grupo são geralmente audaciosos nos seus experimentos e não hesitam em pôr em prática ideias que

³ Aqui deve ter ocorrido uma questão de tradução pois, no Summary que acompanha o artigo publicado em português, a partir da página 124, foi usada a palavra entrepreneur. Dessa forma, o artigo abordou empreendedores schumpeterianos, apesar de não haver esta palavra em seu conteúdo.

⁴ Conforme mencionado em Brozen (1955): "Observations on Entrepreneurship in Agriculture" apresentado ao Harvard Research Center in Entrepreneurial History. *Change and the Entrepreneur* (Cambridge, 1949).

lhes pareçam promissoras. A seguir, o grupo dos imitativos, cuja característica principal é a pronta aceitação das inovações de sucesso, lançadas pelos primeiros... Os fabianos caracterizam-se por sua cautela e cepticismo (ou simplesmente inércia), e só se prontificam a adotar inovações quando se torna patente que, se não o fizerem, prejudicarão a posição relativa ocupada pelo empreendimento que dirigem. Finalmente, os retrógrados são os que se recusam a introduzir novas fórmulas de produção, mesmo que essa atitude lhes custe séria diminuição de lucros, em comparação com outros produtores do mesmo ramo (BROZÉN, 1955, p. 8).

Apesar de ser um texto com 65 anos de idade, podem ser encontradas nele, ideias ainda desposadas por pesquisadores contemporâneos. Entre os determinantes das capacidades empreendedoras presentes em uma sociedade, Brozen (1955) elencou: costumes da sociedade; tradição religiosa; estrutura social; disponibilidade de novos empreendedores; pressão sobre fabianos e retrógrados; incentivos; acesso aos recursos; existência de pessoal “promovível” a empreendedores internos às organizações; estrangeiros; e segurança do empreendimento.

Por fim, mesmo admitindo possíveis ações governamentais entre os determinantes da capacidade do empreendedor, Brozen (1955) se manteve fiel aos princípios de um defensor do livre mercado nesse texto. Ele chegou a reconhecer a possibilidade de o governo empreender, mas apenas temporariamente até que surjam um ou mais empreendedores que passem a atuar no setor do empreendimento governamental.

Já na segunda metade dos anos 60, Ianni (1967) teve um caráter pioneiro ao abordar a questão da ideologia presente na ação empreendedora. Para isto, ao comentar sobre o início da industrialização do Brasil, Ianni (1967) citou o surgimento de três tipos sociais que emergiram nessa etapa da história brasileira:

O empreendedor, que é eminentemente criador e inovador no quadro da economia industrial em formação; o gerente, que é executivo por excelência, típico das organizações constituídas; e o capitalista, que às vezes não é empresário ou gerente, mas apenas acionista, motivo porque pode ser considerado um tipo à parte daqueles. É verdade que essas categorias nem sempre se apresentam separadas, pois que geralmente se encontram aglutinadas numa só pessoa, como ocorre em geral na fase pioneira do capitalismo, quando um mesmo indivíduo é empreendedor, gerente, capitalista, chefe de relações públicas, comprador etc. (IANNI, 1967, p. 195).

Partindo do conceito de empreendedor schumpeteriano, Ianni (1967) salientou que o comportamento empreendedor no formato teorizado por Schumpeter demanda consistência com um “universo de representações sociais, de técnicas de ação política, de persuasão, de ideais de estruturação de instituições básicas do sistema, etc. que precisa ser levado em conta para que o empresário realize seus projetos” (p. 196). Nesse sentido, o autor comentou o que denominou as principais manifestações da ideologia do empreendedor industrial brasileiro naquele momento. Dessa forma, em uma visão crítica, Ianni apontou o mito do *self-made man* associado às histórias de ascensão de ex-operários em empreendedores, representando a “imagem do empreendedor de sucesso, que “partiu do nada”, como se sua *virtú* fosse independente dos outros homens, dos que produzem e dos que lideram no sistema produtivo” (p. 201). Ou seja, criticou a visão ingênua

de que a mobilidade social e ascensão é possível e igual para qualquer indivíduo, independentemente de seu contexto social. Visão que ainda se pode notar nas representações sociais contemporâneas do empreendedor no Brasil.

Outro aspecto apontado em Ianni (1967) diz respeito à manipulação do comportamento político do operariado, tentando afastá-los de reivindicações trabalhistas e buscando integrá-los à ordem social vigente sem questionamentos, em direção a uma idealizada paz social. Assim esta classe é “levada a uma falsa consciência da própria situação, pois que se vê como o capitalista o deseja” (p. 206).

Por fim, na Revista de Administração de Empresas, no início dos anos 60, seriam publicados mais três artigos fundadores do campo do empreendedorismo no Brasil. Luiz Carlos Bresser Pereira os publicou entre 1962 e 1964. Nestes textos, Bresser Pereira tratou da relação entre empreendedorismo e desenvolvimento, características étnicas e sociais dos empreendedores brasileiros e condições sociais e políticas que condicionavam o surgimento de uma classe empresarial no Brasil (BRESSER PEREIRA, 1962, 1963, 1964).

Nos artigos, Bresser Pereira não fez uso dos termos empreendedor ou empreendedorismo. No entanto, inspirado nas ideias de Schumpeter, as análises que apresentou à época, são típicas do que veio a ser englobado pelos estudos de empreendedorismo no Brasil. Por exemplo, em Bresser Pereira (1962), quando explorou o papel do empresário⁵ no desenvolvimento econômico mencionou, explicitamente Schumpeter:

Estes homens transformaram-se rapidamente em empresários no sentido Schumpeteriano do termo, em inovadores que recombinaavam os fatores de produção e lideravam o processo de acumulação de capital, promovendo assim o aumento da produtividade e conseqüente desenvolvimento econômico (p. 13).

A “Revolução Brasileira”, conforme Bresser Pereira (1963), foi um processo de industrialização do país acompanhado de mudanças ideológicas que ele classificou em quatro grupos. Para ele, esse processo se iniciou nos anos 30 do século passado e envolveu um movimento de transformação cultural: do agriculturalismo para o industrialismo; do liberalismo para o desenvolvimentismo intervencionista; do cosmopolitismo, baseado em uma visão colonialista e entreguista do país, para o nacionalismo; e do conservadorismo em direção ao reformismo.

No entanto, embora Bresser Pereira (1963) tenha percebido que os empresários exerceram a liderança desse processo nas três décadas anteriores, no início dos anos 60, ele receava que estes perdessem esta condição de liderança. Esse receio se fundamentava em posições conservadoras e antirreformistas que esta classe estava manifestando no contexto brasileiro de então. Nesse sentido, Bresser Pereira (1963, p. 25) registrou com um certo tom de lamento:

⁵ Bresser Pereira em seus textos optou por adotar o termo empresário ao invés de empreendedor que se tornaria o modo corrente da tradução da palavra *entrepreneur* nos textos de Schumpeter que foram traduzidos do alemão para o inglês.

Todo o caráter renovador, às vezes mesmo revolucionário, de que os industriais estavam revestidos começa a se perder, quando a Revolução Brasileira tem ainda toda uma tarefa a cumprir, enquanto os desníveis de riqueza, a miséria mesmo, a desigualdade de oportunidade, a liberdade de fachada continuam presentes dentro da, realidade brasileira. Teses tipicamente conservadoras; incompatíveis com um país em pleno processo de transformação social, começam a ser adotadas pelos industriais.

Por fim, em seu terceiro artigo publicado na primeira metade dos anos 60 (BRESSER PEREIRA, 1964), logo no primeiro parágrafo, expôs o conceito de Schumpeter sobre o empreendedor, de novo, traduzindo-o para empresário. Segundo Bresser Pereira (1964, p. 83):

Foi Schumpeter quem observou, ainda em 1911, que a função essencial de transformar o desenvolvimento tecnológico em realidade, de pôr em prática novas combinações de fatores de produção, de produzir novos produtos, de descobrir e criar novos mercados, que a função, enfim, de inovar cabia ao empresário.

Neste artigo, Bresser Pereira (1964) reforçou a conexão entre a presença de empresários e o desenvolvimento econômico. Além disso, procurou identificar as origens étnicas e sociais dos empresários industriais paulistas, excluindo as empresas estrangeiras presentes no estado. Entre estes, buscou informações sobre países de origem dos mesmos e de seus pais e avós, classe social, nível de educação formal dos empresários e seus antepassados das duas gerações imediatamente anteriores, e profissão no momento de criação das empresas. Uma limitação do seu estudo, foi a restrição a empresas com mais de 100 empregados, deixando de lado muitos empreendedores, que, na opinião de Bresser Pereira, em sua maioria não seriam empresários no sentido schumpeteriano.

Ao contrário dos seus dois artigos anteriores, bem como, dos artigos de Brozen (1955) e Ianni (1967), Bresser Pereira (1964) apresentou resultados de pesquisa com dados primários, o que lhe dá um caráter pioneiro nos estudos empíricos brasileiros sobre empreendedorismo. Em suma, a partir da análise dos dados que obteve, Bresser Pereira (1964) revelou que a amostra de empreendedores investigada era razoavelmente homogênea, possuindo a maioria deles origem estrangeira, e ligados à classe média, com uma menor participação das classes alta inferior e baixa.

Após esta descrição dos artigos que considero fundadores do campo do empreendedorismo no Brasil, na próxima seção apresento uma síntese das ações empreendedoras que encontrei na leitura dos 59 artigos que abordaram o empreendedor enquanto sujeito de ação.

À GUIA DE CONCLUSÃO: O EMPREENDEDOR E SUAS AÇÕES EMPREENDEDORAS

A leitura dos artigos me permitiu elencar oito categorias de ações empreendedoras. Estas foram encontradas em trechos de 33 dos 59 artigos que usaram o termo “empreendedor” como sujeito de ação. Nos demais artigos, o uso do empreendedor enquanto sujeito não foi acompanhado de comentários sobre suas ações. O quadro 2 apresenta estas ações e as referências em que foram localizadas.

Quadro 2: Ações empreendedoras mencionadas

AÇÕES EMPREENDEDORAS	REFERÊNCIA
Maximização de lucro	Gudin (1942); Bernstein (1952); Barrère (1953); Brozen (1954a); Almeida (1955); Bulhões (1956, 1957, 1958); Donato (1959); Luz (1959); Cardoso (1960, 1961); Ianni (1961b); Chacel (1962); Cesarino Júnior (1965), Lima Filho e Bertero (1966).
Inovação	Bulhões (1952); Barrère (1953); Singer (1954); Brozen (1954b, 1955); Kafka (1956); Magalhães (1956); Kandor (1957a); Cardoso (1960); Bresser Pereira (1962, 1963, 1964); Ianni (1967).
Assunção de risco	Souza (1952); McMurray (1955); Hayek (1957); Brozen (1954b, 1955); Meschini (1961); Hirschman (1967).
Percepção e aproveitamento de oportunidades	Brozen (1954b), Bresser Pereira (1962, 1963)
Crescimento	Boulding (1954b); Ianni (1961b), Bresser Pereira (1964).
Atração de clientes	Souza (1952); Almeida (1955)
Controle e aplicação de recursos	Brozen (1954b)
Geração de emprego	Barrère (1953)

Fonte: Elaborado pelo autor

A ação empreendedora que teve maior número de citações (16) foi a busca da lucratividade. Esta, segundo os autores mencionados, deve ser uma ação constante. Para isso, pode ser dividida, principalmente, em duas ações conexas: redução de custos; ou aumento de produtividade. Embora nem todos os autores tenham mencionado, a tônica vigente era a ideia de maximização dos lucros, como uma das preocupações constantes dos empreendedores.

A inovação foi a segunda ação empreendedora mais citada, tendo surgido em 13 artigos. Esta ação, comumente, foi inspirada na clássica proposição de Schumpeter que, de forma resumida, tratou a inovação como a busca de novas combinações de recursos e as classificou em cinco modalidades: novos produtos; novos métodos de produção; novos mercados; novas fontes de matérias primas; e novas organizações.

Em terceiro lugar, surgiu a questão do enfrentamento do risco na criação de empresas como uma ação empreendedora, bem como no processo decisório empreendedor. Neste sentido, seis autores apontaram a inevitabilidade do risco, caracterizado pela possibilidade de insucesso, bem como a necessidade de ações para seu enfrentamento.

A percepção e aproveitamento de oportunidades, quarta categoria de ação empreendedora, foi mencionada apenas em artigos de Brozen e Bresser Pereira. Para estes autores, a criação de empresas é fruto da forma como empreendedores identificam possibilidades de ofertar novos produtos ou serviços, a partir de lacunas percebidas nos mercados.

Por fim, alguns poucos autores mencionaram mais quatro ações empreendedoras: crescimento; atração de clientes; controle e aplicação de recursos; e geração de emprego. Estas ações, em meu entendimento, se caracterizam muito mais como ações administrativas que todo empreendedor deve realizar para que o empreendimento que surge se torne sustentável a longo

prazo no mercado. Não são, em essência, ações empreendedoras. Empreender está muito mais associado a um ato criativo, orientado por um ou mais propósitos, enquanto administrar se conecta à manutenção e desenvolvimento do empreendimento. No entanto, reconheço que, embora sejam fenômenos conceitualmente distintos, na prática sua separação não é uma tarefa empírica simples para qualquer pesquisador. Em que momento os atos criativos dão lugar aos atos administrativos? Esta é uma questão cuja resposta não é facilmente operacionalizada em investigações empíricas do empreendedorismo.

Finalmente, encerro este artigo apontando para o caráter inevitavelmente provisório da identificação dos artigos fundadores do empreendedorismo no Brasil. Como minha busca foi feita exclusivamente na internet, é muito provável que textos anteriores, publicados em papel, existam. No entanto, a contribuição deste artigo, além de apontar os sete artigos pioneiros, reside também na revelação que trouxe da visão do fenômeno empreendedor predominante entre os anos 50 e 60 do século passado em periódicos científicos brasileiros. Esta visão, focada essencialmente em organizações de mercado, ainda ecoa nos estudos contemporâneos. Porém, como pode ser visto em Gimenez (2017), estes são muito mais diversos e lidam com outros tipos de organizações, como as públicas, não governamentais e sem fins lucrativos, bem como com manifestações diversas do que significa ser empreendedor e perspectivas críticas sobre sua atuação.

REFERÊNCIAS

- Abreu, Dióres Santos O desbravamento da Alta Sorocabana por um bandeirante moderno: capitão Francisco Whitaker. **Revista de História**, v. 30, n. 62, p. 447-462, 1965.
- Almeida, Antônio Paulino de Memória histórica de São Sebastião (III). **Revista de História**, v. 17, n. 36, p. 469-514, 1958.
- Almeida, Antônio Paulino de Memória histórica sobre Cananéia. **Revista de História**, v. 22, n. 45, p. 475-520, 1961.
- Almeida, José de Natureza jurídica do poder disciplinar, no direito do trabalho. **Revista da Faculdade de Direito, UFMG**, v. 7, p. 132-146, 1955.
- Alves, Marieta O comércio marítimo e alguns armadores do século XVIII, na Bahia (III). **Revista de História**, v. 34, n. 70, p. 537-543, 1967.
- Alvim, Thereza A sociedade de investimento no direito comparado. **Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos**, n. 3, p. 179-210, 1967.
- Americano, Jorge Cosmopolitismo de São Paulo - universalidade do Direito. **Revista da Faculdade de Direito, USP**, v. 50, p. 221=233, 1955.
- Andrade, Darcy Bessone de Oliveira Das sociedades coligadas e controladas. **Revista da Faculdade de Direito, UFPR**, v. 6, p. 144-164, 1958.
- Araujo, Antonio Andrade de; Caminha, Herick Marques; Carvalho, Eurico da Costa; Motta, Omas Goncalves da Elementos econômicos do poder nacional. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 21, p. 183-208, 1966.
- Arns, Heriberto O pensamento existencial de Henry David Thoreau. **Revista Letras**, v. 15, p. 39-55, 1966.
- Austregésilo, Myriam Ellis. O Senador Alfredo Ellis. **Revista de História**, v. 1, n. 3, p. 275-294, 1950.
- Azevedo, Luiz Heitor Leo Kessler e sua ópera "Papilio Innocentia". **Revista Letras**, v. 11, p. 17-35, 1960.

- Barrère, Alain A teoria do crescimento e do desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 7, n. 2, p. 7-160, 1953.
- Barroso, Magdaleno Girão. O problema da avaliação social da riqueza. **Revista da Faculdade de Direito**, UFC, v.12, p. 103-145, 1958.
- Bernstein, E. M. Inflação em relação ao desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 6, n. 3, p. 107-169, 1952.
- Besselaar, José Van Den Introdução aos Estudos Históricos (VIII) - 4a parte: As interpretações da História através dos séculos. **Revista de História**, v.14, n. 29, p. 121-219, 1957.
- Bevilaqua, Clóvis Dois mestres. **Revista da Faculdade de Direito**, USP, v. 37, p. 21-23, 1942.
- Boulding, Kenneth E. As contribuições da economia para a conduta dos negócios: a análise marginal. **Revista Brasileira de Economia**, v. 8, n. 1, p. 79-117, 1954a.
- Boulding, Kenneth E. A teoria do comportamento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 8, n. 1, p. 79-117, 1954b.
- Bresser Pereira, Luiz Carlos Desenvolvimento econômico e o empresário. **Revista de Administração de Empresas**, v. 2, n. 4, p. 79-91, 1962.
- Bresser Pereira, Luiz Carlos O empresário industrial e a revolução brasileira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 3, n. 8, p. 11-27, 1963.
- Bresser Pereira, Luiz Carlos Origens étnicas e sociais do empresário paulista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 4, n. 11, p. 83-106, 1964.
- Brozen, Yale A economia do progresso material. **Revista Brasileira de Economia**, v8, n. 3, p. 71-92, 1954a.
- Brozen, Yale Liderança comercial e progresso tecnológico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 8, n. 4, p. 99-140, 1954b.
- Brozen, Yale Os determinantes da capacidade do empreendedor. **Revista Brasileira de Economia**, v. 9, n. 1, p. 7-40, 1955.
- Bulhões, Otávio Gouvêa de Economia e nacionalismo. **Revista Brasileira de Economia**, v. 6, n. 1, p. 91-117, 1952.
- Bulhões, Otávio Gouvêa de Previsão econômica e investimentos. **Revista Brasileira de Economia**, v. 10, n. 3, p. 5-25, 1956.
- Bulhões, Otávio Gouvêa de Algumas considerações sobre "valor e formação de preços". **Revista Brasileira de Economia**, v. 11, n. 2, p. 39-87, 1957.
- Bulhões, Otávio Gouvêa de Mercado e Planificação. **Revista Brasileira de Economia**, v. 12, n. 2, p. 29-65, 1958.
- Burns, Arthur E. Problemas do desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 7, n. 3, p. 7-102, 1953.
- Busato, Dionísio Ângelo Paisagem cultural de Novo Treviso. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 4, p. 17-33, 1956.
- Campos, Pedro Moacyr Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. **Revista de História**, v22, n. 45, p. 107-159, 1961.
- Cardoso, Fernando Henrique O café e a industrialização da cidade de São Paulo. **Revista de História**, v. 20, n. 42, p. 471-475, 1960.
- Cardoso, Fernando Henrique, Condições e fatores sociais da industrialização de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n. 11, p. 148-163, 1961.
- Cesarino Júnior, Antonio Ferreira A verdadeira participação nos lucros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 5, n. 14, p. 27-72, 1965.

Chacel, Julian M. pesquisa agrícola em São Paulo - exame das variáveis globais da agricultura paulista. **Revista Brasileira de Economia**, v. 16, n. 2, p. 7-22, 1962.

Coimbra, Álvaro da Veiga Noções de numismática ibérica (III). **Revista de História**, v. 17, n. 35, p. 239-275, 1958.

Corrêa Filho, Virgílio Vultos da geografia do Brasil: Gago Coutinho. **Revista Brasileira de Geografia**, a. XXI, n. 2, p. 67-70, 1959.

Dias, Emmanuel O centro de estudo e profilaxia de moléstia de Chagas, em Bambuí, Estado de Minas Gerais: notícia histórica em homenagem ao Professor Henrique Aragão. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 54, n. 1, p. 309-357, 1956.

Donato, Messias Pereira O socialismo científico: Karl Marx. **Revista da Faculdade de Direito**, UFMG, v. 11, p. 48-76, 1959.

Dutra, Firmo Expedição militar ao Alto Jurá 1904. **A Defesa Nacional**, v. 42, n. 483, p. 79-97, 1954.

Falcão, Edgard de Cerqueira O pioneirismo dos brasileiros na conquista do ar. **Revista de História**, v. 37, p. 257-277, 1968.

Fonseca, Herculano Borges da Esboço de uma introdução ao direito monetário e a teoria do quarto poder. **Revista de Direito Público e Ciência Política**, v. 4, n. 2, p. 3-17, 1961.

Freitas Junior, Otávio de Dois questionários para estudo de traços da personalidade. **Anais Brasileiros de Psicotécnica**, v. 17, n. 2, p. 85-90, 1965.

Garcia, Basileu Regimes adequados ao cumprimento das penas de reclusão e detenção - estabelecimentos de prisão provisória. **Revista da Faculdade de Direito**, USP, v. 37, p. 100-117, 1942.

Garcia, Emanuel S. Veiga A real fábrica de São João de Ipanema. **Revista de História**, v. 5, n. 11, p. 56-61, 1952.

Gauld, Charles Anderson José Carlos Rodrigues. O Patriarca da Imprensa Carioca. **Revista de História**, v. 7, n. 16, p. 427-438, 1953.

Gimenez, Fernando Antonio Prado **Empreendedorismo: bibliografia de artigos publicados em periódicos brasileiros**. Curitiba: do autor, 2017.

Gudin, Eugênio A moeda de ação indireta e a taxa de juros. **Revista Brasileira de Economia**, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1942.

Hayek, Friedrich Auguste von Pleno emprego, planejamento e inflação. **Revista Brasileira de Economia**, v. 11, n. 2, p. 1-16, 1957.

Hirschman, Albert O. Desenvolvimento industrial no nordeste brasileiro e o mecanismo de crédito fiscal do artigo 34/18. **Revista Brasileira de Economia**, v. 21, n. 4, p. 5-34, 1967.

Houssay, Bernardo O passado e o futuro da ciência na América Latina. **Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre**, v. 14, p. 3-15, 1954.

Ianni, Octavio. A constituição do proletariado agrícola no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n. 12, p. 27-46, 1961a.

Ianni, Octavio. Aspectos políticos da secularização do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n. 10, p. 91-104, 1961b.

Ianni, Octavio. Polarizações da ideologia do empreendedor. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n. 22, p. 195-210, 1967.

Kafka, Alexandre A estrutura e o desenvolvimento da economia brasileira. **A Defesa Nacional**, v. 63, n. 499, p. 51-62, 1956.

Kandor, Nicholas Características do desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 11, n. 1, p. 3-18, 1957a.

Kandor, Nicholas Inflação e desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, v. 11, n. 1, p. 55-82, 1957b.

- Labaudére, André de Do poder da administração para impor unilateralmente alterações nas cláusulas dos contratos administrativos. **Revista de Direito Administrativo**, v. 37, p. 45-67, 1954.
- Leite Jr., Antonio Dias; Santos, Genival A. Estimativa da Renda Nacional do Brasil - 1947-1949. **Revista Brasileira de Economia**, v. 5, n. 3, p. 9-216, 1951.
- Lima, José Mauro Fiuza Técnica de publicidade administrativa. **Revista do Serviço Público**, v. 94, n. 62, p. 84-99, 1962.
- Lima Filho, Alberto de Oliveira; Bertero, Carlos Osmar Aspectos éticos e mercadológicos da demanda. **Revista de Administração de Empresas**, v. 6, n. 18, p. 25-49, 1966.
- Lodi, João Bosco Introdução à obra de Peter F. Drucker. **Revista de Administração de Empresas**, v. 8, n. 29, p. 80-137, 1968.
- Lopes, Sílvio Fernandes João Pandiá Calógeras. **Revista de História**, v. 22, n. 46, p. 289-301, 1961.
- Luz, Nícia Vilela Aspectos do nacionalismo econômico brasileiro (V) (conclusão). **Revista de História**, v. 18, n. 37, p. 97-140, 1959.
- Magalhães, Celso de Participação nos lucros das empresas. **Revista do Serviço Público**, v. 71, n. 1, p. 83-87, 1956.
- Magalhães, João Paulo de Almeida Planejamento e a experiência brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, v. 16, n. 4, p. 7-28, 1962.
- Martins, Wilson Paraná: uma incógnita. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n. 8, p. 229-254, 1960.
- Matos, Odilon Nogueira de A cidade de São Paulo no século XIX. **Revista de História**, v. 10, n. 21-22, 1955.
- Mattos, Luiz Alves de Funções da moderna Universidade - finalidades e objetivos do ensino universitário. **Curriculum**, v. 6, n. 11, p. 7-22, 1967.
- Mcclelland, David C. **The Achieving Society**. New York: D. Van Nostrand Company, Inc., 1961.
- McMurray, Robert N. Em busca de executivos para cargos de direção geral. **Cadernos de Administração Pública**, n. 36, p. 3-49, 1955.
- Mehlmann, João História da Palestina nos tempos do Novo Testamento. **Revista de História**, v. 20, n. 42, p. 337-368, 1960.
- Meschini, Pietro Entes públicos econômicos na Itália. **Revista de Direito Administrativo**, v. 63, p. 355-381, 1961.
- Meyer, Ivo Corrêa Aula inaugural de 1955. **Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre**, v. 15, n. 1, p. 5-14, 1955.
- Montenegro, Abelardo F. As eleições cearenses de 1962, **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 16, p. 81-100, 1964.
- Moreira, M. S. F. O estudo sociológico de comunidades. **Revista de Antropologia**, v. 11, n. 1-2, p. 29-39, 1963.
- Muniz, Maria Zely de Souza. A organização de um jornal escolar - uma forma de verificar e aprendizagem de Português. **Curriculum**, v. 2, n. 3, p. 97-104, 1963.
- Nogueira, Emilia Costa O movimento republicano em Itú. Os fazendeiros do Oeste paulista e os pródromos do movimento republicano (Notas prévias). **Revista de História**, v. 9, n. 20, p. 379-405, 1954.
- Novaes, Maria Helena Liderança e dinâmica de grupo. **Anais Brasileiros de Psicotécnica**, v. 20, n. 4, p. 25-30, 1968.
- Nunes, Cassiano Mark Twain e Monteiro Lobato: um estudo comparativo. **Revista Letras**, v. 1, p. 72-113, 1960.
- Nurkse, Ragnar Problemas da formação de capitais em países subdesenvolvidos. **Revista Brasileira de Economia**, v. 5, n. 4, p. 11-45, 1951.

Nurkse, Ragnar Notas sobre o trabalho do Sr. Furtado relativo a "Formação de Capitais e Desenvolvimento Econômico". **Revista Brasileira de Economia**, v. 7, n. 1, p. 67-87, 1953.

Pacheco, Maria Fagundes de Souza Docca Aspecto da Indústria Açucareira do Brasil. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 9-10, p. 63-65, 1959.

Pinkuss, Frederico A contribuição do hebraísmo para o mundo ocidental. **Revista de História**, v. 6, n. 14, p. 365-391, 1953.

Pinkuss, Frederico A criatividade de 19 séculos da diáspora judaica. **Revista de História**, v. 35, p. 3-18, 1967.

Reale, Miguel O problema da produção na ideologia contemporânea. **Revista da Faculdade de Direito**, USP, v. 54, n. 1, p. 178-208, 1959.

Rebelo, Darino Castro A heveicultura do Vale do Tapajós. **A Defesa Nacional**, v. 52, n. 604, p. 103-11, 1965.

Reis, José Antonio dos Documentos sobre a primeira biblioteca pública oficial de São Paulo. **Revista de História**, v. 14, n. 30, p. 387-447, 1957.

Reis, Fabio Wanderley Uma teoria sociopsicológica do desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 18, p. 39-56, 1965.

Sampaio, Flávio Penteado A profissionalização do administrador paulista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 4, n. 12, p. 93-110, 1964.

Sant'anna, Sérgio Robert de Fatores determinantes da criação de empresas de base tecnológica por pesquisadores acadêmicos: um estudo de casos. **Dissertação** (Mestrado). Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

Santos, Francisco O regime legal da terra no território da capital da Austrália. **Revista de Direito Administrativo**, v. 17, p. 443-446, 1949.

Santos, S. A. dos A criação de empresas industriais: a figura do empreendedor e a importância da tecnologia no processo. **Tese** (Doutorado). Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, 1983.

Santos, Waldyr dos; Pessanha, Stella de Souza A preparação de servidores para o serviço público brasileiro - a Escola de Serviço Público. **Revista do Serviço Público**, v. 8, n. 2-3, p. 193-200, 1958.

Schorer, Maria Thereza Notas para o estudo das relações dos banqueiros alemães com o empreendimento colonial dos países ibéricos na América no século XVI. **Revista de História**, v. 15, n. 32, p. 276-355, 1957.

Silva, Benedicto Confronto entre a administração pública e a administração particular. **Cadernos de Administração Pública**, n. 8, p.3-41, 1954.

Silva, Hélio Schlittler Índices de preços no comércio exterior do Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 6, n. 2, p. 69-103, 1952

Silveira, Joel; Huguenin, Orlando Carlomagno Que é o serviço de documentação do MTIC? **Revista do Serviço Público**, v. 67, n. 2, p. 263-268, 1955.

Singer, Hans W. Papel essencial da administração pública no desenvolvimento econômico. **Cadernos de Administração Pública**, n. 21, p.27-32, 1954.

Soares, Glauco Ary Dillon, Brasil: A política do desenvolvimento desigual. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 22, p. 19-70, 1967.

Souza Marcos Afonso de O capital estrangeiro nos países subdesenvolvidos. **Revista da Faculdade de Direito**, UFGM, v. 11, p. 167-193, 1959.

Souza, Newton Junqueira de Observações de Fort Knox. **A Defesa Nacional**, v. 31, n. 364, p. 489-501, 1944.

Souza, Washington Peluso Albino de Conseqüências jurídicas de uma nova teoria dos lucros. **Revista da Faculdade de Direito**, UFGM, v. 4, p.76-88, 1952.

Sposatti, Yara Cecília Costa Arrolamento das fontes históricas de Itapetininga e região circunvizinha. **Revista de História**, v. 26, n. 49, p. 251-271, 1962.

Stein, Stanley J. A historiografia do Brasil, 1808-1889. **Revista de História**, v. 29, n. 59, p. 81-131, 1964.

Summers, H. F. A ideia de responsabilidade em governo. **Revista da Faculdade de Direito**, UFMG, v. 3, p.23-33, 1951.

Suplicy, Eduardo Matarazzo Tarifa efetiva de proteção alfandegária. **Revista de Administração de Empresas**, v. 9, n. 3, p. 119-126, 1969.

Taunay, Afonso de E. O café e a economia brasileira. **A Defesa Nacional**, v. 46, n. 535, p. 79-92, 1959.

Tinbergen, J. Apreciação de projetos - averiguação de suas Repercussões. **Revista Brasileira de Economia**, v. 13, n. 4, p. 5-17, 1959.

Tírico, José Domingos, Sousas, subúrbio de Campinas. **Geografia Urbana**, n. 35, p. 32-54, 1960.

Warlich, Hugo TVA origens e evolução. **Revista do Serviço Público**, v. 76, n. 1, p. 63-94, 1957.